**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

EVANIRA SEVERINA FERREIRA

**POR UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA FEMINISTA: UMA CONSTRUÇÃO A
PARTIR DO PENSAMENTO DA FILÓSOFA SIMONE DE BEAUVOIR**

Trabalho apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina TCC 2 da Graduação de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães.

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ferreira, Evanira Severina.

Por uma educação filosófica feminista: uma construção a partir do pensamento da filósofa Simone de Beauvoir / Evanira Severina Ferreira. - Recife, 2024.
27 p.

Orientador(a): Suzano Aquino de Guimarães

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia - Licenciatura, 2024.

Inclui referências, anexos.

1. Ensino de filosofia . 2. Educação feminista. 3. Gênero. 4. Currículo de Pernambuco. 5. Desigualdade. I. Guimarães, Suzano Aquino de. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

EVANIRA SEVERINA FERREIRA

**POR UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA FEMINISTA: UMA CONSTRUÇÃO A
PARTIR DO PENSAMENTO DA FILÓSOFA SIMONE DE BEAUVOIR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de graduação em filosofia.

Aprovado em: 09/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira (Examinador)

Universidade Federal de Pernambuco

POR UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA FEMINISTA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DA FILÓSOFA SIMONE DE BEAUVOIR

Discente: EVANIRA SEVERINA FERREIRA¹

Orientador: Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães

Resumo: A educação é algo fundamental para formar os papéis sociais dos indivíduos e como ocorre essa construção é extremamente importante. Quando analisamos o ensino de filosofia é possível perceber que há uma ausência das contribuições feitas pelas mulheres, principalmente nos livros didáticos e durante a formação de professores, na qual existe uma maior ênfase no estudo de filósofos e quase não estudamos nenhuma filósofa. A problemática aproxima-se da realidade de várias docentes que vivenciaram a formação filosófica com a ausência de

¹ Primeiramente agradeço a Deus pela realização desse sonho e a todas as intervenções espirituais que me guiaram nessa longa jornada, principalmente a bênção de Nossa Senhora da Conceição. Agradeço ao meu pai Luciano Honorato Ferreira, símbolo de homem guerreiro e batalhador que mesmo com dificuldades sempre me proporcionou as mais belas coisas da vida. A minha mãe Severina Mariano Ferreira que sempre me apoiou nas minhas decisões e não media distâncias para realizar meus sonhos; esses dois seres tão iluminados mesmo com poucas instruções me ensinou o verdadeiro significado de uma educação de vida. Também a minha irmã Jaqueline Severina Ferreira que trocamos sempre ideias de leituras e estudos e ao meu irmão João Victor Luciano Honorato Ferreira. Agradeço a toda minha família que sempre me apoiaram principalmente no início da minha jornada universitária. Enfatizo a minha tia, madrinha e segunda mãe Maria Aparecida Ferreira que foi meu grande exemplo de mulher feminista que viveu momentos felizes e tristes ao meu lado sempre trazendo palavras de motivação e esperança, ao meu tio Manoel João Ferreira, a minha avó Carmelita Maria da Conceição que enfrentaram dias difíceis ao meu lado e os quais não me fizeram desistir de tudo, as minhas tias Vanderly Maria Ferreira e Luzia Ferreira da Silva, aos meus primos (as) e todos os meus familiares que fizeram parte dessa conquista sem vocês não teria conseguido. Esse diploma é nosso! Obrigada família vocês são a minha base!!!. Grata ao amor da minha vida Edivan da Silva Santos que cada dia me faz sentir uma eterna aprendiz e que me mostrou o verdadeiro significado do amor. Gratidão as amigas/os/es e colegas que a Filosofia me proporcionou conhecer em especial ressaltou Athilyane Cordeiro, Allana Sthefane, Ana Rosicler, Bianca Gonçalves, Felipe Vasconcelos, Julison Antônio, Vivian Daysa, Vitória Jennifer, Lucas Simões, Mickellangelo Costa, Paulo Henrique, obrigada por possibilitarem os dias mais leves na universidade e sempre me fortaleceram com esse lema “Ninguém solta a mão de ninguém, e a gente não vai solta a sua”. Gratidão a minha amiga e irmã de quarto Hélida Maria Vieira que contribuiu na construção do título desse trabalho e pela boa companhia de todos os dias. A minha amiga Rafaela Vieira pelas experiências vividas do ensino fundamental ao superior. Agradeço aos meus professores que sempre admirei e que me inspiraram a seguir essa linda profissão: Roseane Nogueira, Marcelo Alves, João Henrique Dias e etc. Gratidão ao meu professor orientador Dr. Suzano Guimarães (UFPE) o hegeliano mais dedicado e apaixonado pelo ensino de filosofia (ato de ensinar), o qual compartilhou experiências e aprendizagens nesse percurso de construção filosófica de conclusão de curso, também ao Prof. Dr. Érico Andrade (UFPE) pela paciência e as palavras de incentivos, ao Prof. Dr. Marcos Nunes (UFPE) pela sua humildade e sensibilidade do educador que vai atrás dos motivos da ausência do educando, gostaria de ser o terço do educador e ser humano que vocês são. Obrigado professores por fazerem parte da minha caminhada acadêmica. Grata a Universidade Federal de Pernambuco pela contribuição da minha formação para além do profissional. A CAPES pelas bolsas de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (RP) que foram essenciais para a construção da minha experiência docente de contato com o chão da escola. A todas as políticas públicas que contribuíram para a minha permanência na universidade, especialmente as bolsas de assistência estudantil (PROAES/UFPE). Meu especial agradecimentos do fundo do meu coração a vocês que fizeram parte desse sonho realizado!.

representatividade feminina nos conteúdos de filosofia. Logo, se as instituições de ensino persistirem com essas práticas, então, continuaremos construindo uma filosofia focada em um único gênero apenas, qual seja, o masculino. Admitindo-se o paradigma hermenêutico e por se tratar de uma pesquisa teórica privilegia-se a pesquisa bibliográfica e análise de textos. A pesquisa tem uma dupla dimensão: Investigar a perspectiva feminista da filósofa Simone de Beauvoir, notadamente em seu livro “O segundo sexo” (1949) e apresentar subsídios para construção de uma educação filosófica feminista no ensino de filosofia da educação básica. Os resultados apontam para a importância de uma filosofia feminista como prática de superação das desigualdades de gênero que predominam nos ambientes escolares.

Palavras-chave: Ensino de filosofia, Gênero, filosofia feminista, Simone de Beauvoir, Desigualdade.

Abstract: Education is fundamental to shaping individuals' social roles, and how this construction occurs is extremely important. When we analyze philosophy teaching, we can see that there is a lack of contributions made by women, especially in textbooks and during teacher training, where there is a greater emphasis on the study of philosophers and we hardly study any female philosophers. The problem is similar to the reality of many teachers who experienced their philosophical training with the lack of female representation in philosophy content. Therefore, if educational institutions persist with these practices, then we will continue to build a philosophy focused on a single gender, namely, the male. Admitting the hermeneutic paradigm and because this is theoretical research, bibliographical research and text analysis are prioritized. The research has a double dimension: to investigate the feminist perspective of the philosopher Simone de Beauvoir, notably in her book “The Second Sex” (1949) and to present subsidies for the construction of a feminist philosophical education in the teaching of philosophy in basic education. The results point to the importance of a feminist philosophy as a practice for overcoming gender inequalities that predominate in school environments.

Keywords: Philosophy teaching, Gender, feminist philosophy, Simone de Beauvoir, Inequality.

Considerações iniciais

Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite.

Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre”²

A educação é algo fundamental para formar os papéis sociais dos indivíduos e como ocorre essa construção é extremamente importante. Quando analisamos o

² Adaptado de: “Nada, portanto, nos limitava, nada nos defina, nada nos sujeitava; nossas ligações com o mundo, nós é que as criávamos; a liberdade era nossa própria substância” (BEAUVOIR,2009;p.18).

ensino de filosofia é possível perceber que há uma invisibilidade da educação feminista³, uma ausência das contribuições feitas pelas mulheres, principalmente nos livros didáticos e durante a formação de professores, na qual existe uma maior ênfase no estudo de filósofos e quase não estudamos nenhuma filósofa. Isso se dá pela construção sexista⁴ que se baseia a filosofia ao longo da História desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Logo, é necessário se pensar uma educação com práticas feministas para introduzir aos poucos as teorias dessas pensadoras nos sistemas de ensino.

Essa problemática se aproxima do que a filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986) defendeu em seus pensamentos feministas que sempre foi dado esse lugar de Outro às mulheres. A concepção do feminismo existencial⁵ de Beauvoir contribuiu bastante para os movimentos feministas desde sua construção aos dias atuais. “A pensadora rompe com a neutralidade e universalidade dos cânones da tradição metafísica de sua época ao trazer para a filosofia a figura da mulher” (SANTOS, 2019, p.30). Apesar desse passo revolucionário que Beauvoir defendeu sobre a importância de se falar a condição das mulheres em uma sociedade patriarcal, na atualidade isso não se modifica muito, visto que até o presente se persiste a inferioridade feminina em diversas áreas, principalmente nos sistemas de ensino de filosofia. Nesse sentido, é necessário reconhecer a filosofia feminista como uma concepção libertadora e de superação da desigualdade de gênero nos sistemas educacionais. Com isso mostramos para as futuras licenciadas em filosofia que elas têm total autonomia e liberdade de ocuparem os mesmos lugares que os homens.

Será relatada ao longo da pesquisa uma análise do novo currículo de

³ “Educação feminista é a que contribui para a identificação das diferentes expressões das desigualdades entre gêneros como a sub-representação feminina nos livros didáticos, a designação desigual de atividades domésticas às mulheres e o tratamento assimétrico com base no gênero na academia” (COLOMBO; LAURENTI; MIOTO, 2022, p.3).

⁴ A “construção sexista” seria essa discriminação que se tem do sexo ou do gênero de uma pessoa. Podendo atingir qualquer gênero, mas na grande maioria o mais afetado são as mulheres. Assim, a utilização dessa expressão na pesquisa mostra que a filosofia contribuiu para ocorrência desse preconceito do pensamento feminista, uma vez que há uma grande exclusão das mulheres na filosofia.

⁵ “Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo sexo* (1949) pensa a categoria de gênero a partir de uma perspectiva existencialista. O eixo central de sua reflexão parte de uma pergunta, num primeiro momento, aparentemente simples: o que é uma mulher? Sendo fiel à sua perspectiva, ela responderá que uma mulher não se nasce, ela se faz, ela torna-se. Constrói o que pode ser chamado de um feminismo existencialista: a tomada de consciência da situação da mulher e suas possibilidades para a realização de um projeto de autoafirmação para além do gênero que a define” (RIBEIRO, 2015, p.14).

Pernambuco do Ensino Médio, mostrando uma invisibilidade do pensamento das filósofas nos conteúdos de filosofia da educação básica. Visto que esses sistemas de ensino impossibilitam a filosofia de contemplar olhares e vozes femininas podem gerar grandes prejuízos educacionais aos futuros estudantes do ensino médio. Pois, apesar do Currículo de Pernambuco do novo Ensino Médio conter trilhas itinerárias⁶ que abordem sobre as concepções de gênero⁷, isso não é o suficiente para inclusão de perspectivas feministas no ensino de filosofia da educação básica.

Por isso, admitindo-se o paradigma hermenêutico e por se tratar de uma pesquisa teórica privilegia-se a pesquisa bibliográfica e análise de textos filosóficos feministas, tendo como base e guia os livros da filósofa Simone de Beauvoir, notadamente “O segundo sexo” (1949) composto pelos dois volumes, bem como de outros textos citados na bibliografia.

A pesquisa tem uma dupla dimensão: Investigar a perspectiva feminista da filósofa Simone de Beauvoir, notadamente em seu livro “O segundo sexo” (1949) e apresentar subsídios para construção de uma educação filosófica feminista no ensino de filosofia da educação básica.

Na primeira seção iremos abordar por intermédio da pensadora Simone de Beauvoir que apesar das mudanças sociais ainda existem desigualdades e privilégios de gênero. Na segunda seção iremos analisar o novo currículo do ensino médio de PE para o ensino de filosofia referente à questão da invisibilidade do pensamento filosófico feminista. Por fim, na terceira seção iremos apresentar contribuições para uma educação filosófica feminista a partir da filósofa Simone de Beauvoir para práticas libertadoras de superação do “sexismo filosófico”⁸.

Assim é importante uma mudança nos modelos de ensino filosóficos dos

⁶ Trilha: são Itinerários Formativos que elaboram campos de discussão de ampla relevância social e, considerando que cada uma representa uma discussão histórica pertinente, visando não incorrer na efemeridade de preocupações pontuais e passageiras. (PERNAMBUCO, 2021, p. 81).

⁷ Ementa da trilha- (Direito, gênero e Igualdade): Concepção de gênero, os movimentos feministas, compreensão das categorias identidade de gênero, relação entre gênero, classe social, raça, etnia, desigualdade de gênero e direito, no âmbito nacional e internacional. O processo de superação do machismo/patriarcado e suas relações contemporâneas. (PERNAMBUCO, 2021, p. 494).

⁸ A expressão utilizada significa dizer que em obras filosóficas consagradas encontramos textos que transmitem uma percepção da mulher como inferior ao homem tanto no plano da racionalidade como no da agência moral. Assim o termo faz uma referência ao preconceito e a invisibilidade do pensamento feminista das mulheres na filosofia. (GASPAR; 2009, p.65).

cursos superiores que estão voltados apenas para pensadores masculinos construindo uma visão sexista da filosofia. Sendo interessante um ensino de filosofia feminista do qual haja a inclusão de pensadoras mulheres para a formação de professores; visto que essa formação colabora com a reflexão crítica dos docentes, causando transformações em suas didáticas, tendo como objetivo levar os estudantes da educação básica a uma concepção diferente da filosofia.

Seção 1: AS DESIGULDADES E PRIVILÉGIOS DE GÊNERO: UMA ABORDAGEM POR MEIO DA CONCEPÇÃO FEMINISTA DE SIMONE BEAUVOIR

Como já dito anteriormente, esta primeira seção pretende abordar por intermédio da pensadora Simone de Beauvoir que apesar das mudanças sociais ainda existem desigualdades e privilégios de gênero. Na seção será desenvolvido como Beauvoir compreende as diferenças entre os dois sexos. Analisando os motivos que levaram o gênero feminino recebe a categoria de Outro, sendo o sexo mais oprimido e excluído do meio social.

1.1 Desigualdades de gênero na concepção feminista de Simone de Beauvoir

As desigualdades e privilégios de gênero sempre existiram em nossa sociedade, não é de hoje que normalizamos comportamentos culturais e sociais baseados em traços patriarcais. Assim, por mais que evoluímos nossas ideias de gênero ainda deixam muito a desejar. Pois a sociedade definir o que é “Ser uma mulher” e o que é “Ser um homem” com estereótipos de gênero. Logo baseado nessas concepções sexistas que nas primeiras páginas da obra o “segundo sexo” Beauvoir afirma:

Ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país seu estatuto legal é idêntico ao do homem, e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta (BEAUVOIR, 2016, p.17).

A concepção defendida por Beauvoir no século XX predomina na atualidade porque apesar das mulheres terem conquistado direitos e igualdades semelhantes aos homens, em algumas situações sociais a mulher não tem o devido

reconhecimento. Em razão disso, a situação ⁹que definir a mulher em seu sexo constrói uma existência fixa e imutável. Visto que as desigualdades de gênero coloca o feminino em uma condição de desvalorização diante do sexo masculino. Beauvoir abordar que o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade sempre foi estabelecido pelos homens e que em nenhuma época elas construíram suas próprias leis (BEAUVOIR, 2016, p.113).

Por meio dessa observação da nossa pensadora é possível analisar que o destino vivenciado pelas mulheres sempre foi elaborado pelos homens, e que no decorrer da história percebe-se que o mundo não foi criado para inclui-las. Uma vez que os homens criaram leis e mitos que invés de impor igualdade de condição para as mulheres a colocou em uma posição de inferioridade; que infelizmente em algumas situações sociais ainda se persistem na nossa contemporaneidade. Como descrito por Beauvoir:

Essa vontade se está realizando. Mas o período que atravessamos é um período de transição; este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal sobrevivem a si mesmos em grande parte. Os direitos abstratos ainda estão longe de ser integralmente reconhecidos em toda parte às mulheres (BEAUVOIR, 2016, p.191).

Logo a perspectivas abordadas por Beauvoir faz parte de uma sociedade que ainda tem uma visão sexista que permeia as questões de gênero. Pois as desigualdades de gênero impossibilitam as mulheres de se tornarem sujeitos autênticos. ¹¹ “É verdade essa máxima que ninguém nasce ser humano: torna-se ser humano; mas a condição feminina impossibilitou até agora esse ‘tornar-se’”

⁹ “O conceito de situação é fundamental no existencialismo e se refere basicamente ao fato de estarmos posicionados no tempo, no espaço e em relação com os outros sobre condições específicas que não escolhemos nem controlamos (nossa nacionalidade, etnia, idade, classe social, educação, o sexo que nos é atribuído já nas primeiras semanas de gestação, nossas limitações físicas, os valores vigentes no momento histórico em que vivemos, as contingências da existência)” (CANDIANI, 2020, p. 27).

¹⁰ Compreendemos que na época de Beauvoir as mulheres em alguns países ainda não tinham os seus direitos sociais reconhecidos como, por exemplo, o direito de votar. Porém a citação descrita tem como objetivo demonstrar que a realidade das mulheres mesmo na atualidade, com vários direitos atribuídos e reconhecidos, ainda contém a influência de outras épocas como não merecedoras desses direitos, inferiorizando essas mulheres em seu gênero, visto que há uma minoria do gênero feminino ocupando algumas posições sociais, na qual há uma predominância do gênero masculino.

¹¹ “Para Beauvoir, o indivíduo é sujeito não sob qualquer condição, mas quando se afirma como tal, isto é, quando assume sua liberdade e sua transcendência em meio ao mundo; o que significa dizer que o indivíduo é sujeito na autenticidade” (JOHANSON, 2020, p.3).

(BEAUVOIR, 2016, p.190)¹². Isso nos faz questionar que apesar das mudanças sociais há uma desigualdade de gênero, no qual normalizamos sem refletir a situação que o gênero feminino enfrenta no mundo de uma falsa igualdade. Essa condição feminina está de forma evidente nos direitos abstratos destacados por Beauvoir. Os direitos abstratos, acabamos de dizê-lo, nunca bastaram para assegurar à mulher uma influência concreta sobre o mundo; entre os dois sexos não existe, ainda hoje, verdadeira igualdade. (BEAUVOIR, 2016, p. 191).

Vale ressaltar que a falta de representação nas construções de seus direitos nesse mundo, não é a única desigualdade de gênero enfrentada pelas mulheres. Já que o gênero feminino sente o peso das cobranças imposta no seu sexo e corpo. Uma vez que Beauvoir reconhece que há diferenças na anatomia masculina e feminina como sintetizado pela feminista nigeriana Chimamanda:

Homens e mulheres são diferentes. Temos hormônios em quantidades diferentes, órgãos sexuais diferentes e atributos biológicos diferentes- as mulheres podem ter filhos, os homens não. Os homens têm mais testosterona e em geral são fisicamente mais fortes do que as mulheres. Existem mais mulheres do que homens no mundo – 52% da população mundial é feminina -, mas os cargos de poder e prestígio são ocupados pelos homens (CHIMAMANDA, 2015, p. 20)¹³.

Com essa análise de Chimamanda e em algumas passagens descritas por Beauvoir no *Segundo Sexo* compreendemos que apesar de haver uma distinção biológica dos sexos; isso não justifica a desigualdade imposta sobre o gênero feminino. Por que as mulheres são tratadas como o sexo frágil em nossa sociedade?

Tendo em vista que mesmo que a fisiologia do seu corpo a faça ter essa categoria de fragilizada, isso não a impede de fazer as mesmas funções realizadas pelos homens. Primeiramente, ao invés de tratar a mulher como um ser inferior ao homem; por que não a tratamos antes de tudo com seres humanos. Embora se defenda que não há uma superioridade entre os sexos, que isso foram ideias históricas construídas na sociedade patriarcal e que no século XXI as mulheres são

¹² Nessa citação paráfrase a Simone de Beauvoir, pois a passagem no volume I do *Segundo Sexo* está assim: “Em verdade, ninguém nasce gênio: torna-se gênio; e a condição feminina impossibilitou até agora esse “tornar-se” “.

¹³ No volume I do *Segundo Sexo* Beauvoir aborda de forma mais ampla e técnica os mesmos aspectos de diferenças biológicas de homens e mulheres que analisado por Chimamanda. As colocações da filósofa se encontram na parte dos dados da Biologia, especificamente nas páginas 59-60.

devidamente reconhecidas em sua singularidade. Infelizmente é uma concepção utópica construída pelo sexismo existente. Beauvoir desde sempre compreendia a má-fé¹⁴ masculina.

O homem pode, pois, persuadir-se de que não existe mais hierarquia social entre os sexos e de que, grosso modo, através das diferenças, a mulher é sua igual. Como observa, entretanto, algumas inferioridades -, ele as atribui à natureza. Quando tem para com a mulher uma atitude de colaboração e benevolência, ele tematiza o princípio da igualdade abstrata; e a desigualdade concreta que verifica, ele não a expõe. Mas, logo que entra em conflito com a mulher, a situação se inverte: ele tematiza a desigualdade concreta e dela tira autoridade para negar a igualdade abstrata¹⁵. Assim é que muitos homens afirmam quase com boa-fé que as mulheres são iguais aos homens e nada têm a reivindicar, e, ao mesmo tempo, que as mulheres nunca poderão ser iguais aos homens e que suas reivindicações são vãs (BEAUVOIR, 2016, p. 23, nota 9).

Assim, percebe-se que a igualdade de gênero cair no princípio da não contradição, pois defende uma igualdade disfarçada de desigualdade, visto que os direitos destinados para as mulheres não são devidamente cumpridos. Por muitos séculos as mulheres foram excluídas na participação ativa do desenvolvimento social; e não há nenhuma justificativa que explique a desigualdade atribuída ao gênero feminino. Por mais que evoluímos não conseguimos desconstruir esses discursos sexistas que oprimir as mulheres.

1.2 A não existência do “Outro” no mundo

Todo percurso feito por Beauvoir ao longo do Segundo Sexo, a faz questionar-se o que teria levado as mulheres a receberem essa categoria de Outro? Pois segundo ela em muitas mitologias antigas e sociedades primitivas já havia essa dualidade do Mesmo e do Outro. Porém o que contribuiu para essa realidade da divisão dos gêneros se caracteriza na submissão de um e na exaltação do outro? Segundo Beauvoir o homem sempre si definiu como ser autônomo, mas as mulheres não se tornaram esse ser independente. Logo “o homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 2016, p. 13).

¹⁴ “Má-fé seria um conceito do existencialismo utilizado pelo filósofo Jean-Paul-Sartre para se referir a qualquer fenômeno que nega a existência da liberdade humana” (PÓVOAS, 2005, p. 82-83)

¹⁵ O homem declara, por exemplo, que não vê sua mulher diminuída pelo fato de não ter profissão: a tarefa do lar é tão nobre quanto, e assim por diante. Entretanto, na primeira disputa, exclama: “Serias totalmente incapaz de ganhar a vida sem mim”.

No decorrer de toda história as mulheres sempre foram vista como o Outro¹⁶ do homem. Elas sempre foram definidas como algo negativo, mal e perigoso nos contextos históricos, principalmente, na filosofia analisa-se essas características destinadas ao destino das mulheres. O filósofo da antiguidade Aristóteles afirma que “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”. E o filósofo medieval são Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um “homem incompleto”, um ser “ocasional” (BEAUVOIR, 2016, p. 12). Apesar das épocas diferentes da nossa as visões machistas desses dois filósofos são caracterizadas e atribuídas de outras formas na realidade feminina contemporânea. Logo para Beauvoir foram os homens que estabeleceu esse lugar de Outro para as mulheres. Diz ela:

A velha filosofia grega, que nesse ponto Platão não desmente, mostrou que a alteridade é a mesma coisa que a negação e, portanto, o mal. Pôr o Outro é definir um maniqueísmo. Eis por que todas as religiões e os códigos tratam a mulher com tanta hostilidade. Na época em que o gênero humano se eleva até a redação escrita de suas mitologias e leis, o patriarcado se acha definitivamente estabelecido: são homens que compõem os códigos. É natural que deem à mulher uma situação subordinada (BEAUVOIR, 2016, p. 116).

Assim, em todo percurso histórico e filosófico sobre a categoria de gênero as mulheres não fizeram parte da elaboração das leis e das questões sociais; sendo essas funções realizadas pelos homens. Com isso cada vez mais elas perderam seus direitos e participações na sociedade civil. Diante disso, a falta de atuação feminina foi o que contribuiu para as mulheres ocuparem a condição de Outro e não serem definidas em si, mas em relação aos homens e através de concepções masculinas que decidiram a posição social que as mulheres deveriam ocupar no mundo, na qual denominada de Segundo Sexo.

Além disso, essa posição de segundo sexo atribuída às mulheres é uma definição que permanecer até o momento presente na realidade feminina. Pois, “O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela é senão o que o

¹⁶ “Tomando como ponto de partida a dialética do senhor e do escravo de Hegel, Beauvoir cunhará o conceito de Outro. Segundo seu diagnóstico, a relação que os homens mantêm com as mulheres é esta: da submissão e dominação. As mulheres estariam enredadas na má fé dos homens que a veem e a querem como um objeto. A teórica demonstra em seu percurso filosófico sobre a categoria de gênero que, a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar este que a confina num papel de submissão que comporta significações hierarquizadas dadas à mulher através deste olhar masculino. Este olhar funda a categoria do Outro beauvoriano” (RIBEIRO, 2015, p.21)

homem decide que seja” (Beauvoir, 2016, p. 12). Observa-se que o homem é um sujeito autêntico dono da sua existência, porém as mulheres não têm essa autenticidade, visto que sua existência nunca foi construída individualmente, mas juntamente com a realidade dos homens. Assim os dois sexos não poderia ocupar juntos a posição de “primeiro sexo”, desse modo foi necessário leva um dos gêneros ao segundo sexo, o qual foi destinado para as mulheres visto que essas sempre foram dominadas e submissas pela opressão masculina. Nenhum gênero se define sem colocar o outro diante de si, tornando em “segundo plano”. Desse modo, Beauvoir, usando a concepção hegeliana, aborda que o Sujeito só se faz essencial negando o Outro:

Segundo Hegel, descobrimos na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirma-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto (BEAUVOIR, 2016, p. 14)

Essa abordagem feita por Hegel estaria na percepção da dialética do senhor e do escravo. Na qual o escravo deixa de ser inessencial e torna-se a consciência do essencial. E é usando essa análise hegeliana que Beauvoir defende que as mulheres têm que sair dessa posição objetificada de Outro para se tornarem o essencial da consciência de si mesma no mundo. Pois se continuarem a serem o inessencial sempre permanecerá como segundo sexo, visto que “se a mulher se enxergar como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno”. (BEAUVOIR, 2016, p. 15).

Para Beauvoir as mulheres foram se definindo como Outro no seio da sociedade, porque sempre estiveram na sombra dos homens como uma existência relegada. Em decorrência disso nenhum período histórico houve de fato uma ascensão feminina que a tirasse dessa situação de Outro e a colocasse no mesmo nível social masculino. Essa evolução feminina para Beauvoir nunca aconteceu, pois as mulheres sempre estiveram submissas aos homens ao longo da história. Diz ela:

Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu (BEAUVOIR, 2016, p.15).

Do mesmo modo, para as mulheres desconstruírem a categoria de Outro que a sociedade a impõe é necessário que elas se tornem sujeitos autênticos da sua

existência. Pois esse papel de Outro denomina uma não existência feminina, visto que cada vez que “a mulher é considerada o Outro absoluto, isto é- qualquer que seja sua magia-, o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito”¹⁷ (BEAUVOIR, 2016, p.106, nota 5). Assim, a igualdade de gênero pressupõe que homens e mulheres se reconheçam como semelhantes, não que as mulheres sejam objetificadas como o Outro e não sendo tratadas como sujeitos sociais.

1.3 “A sociedade dos homens”: os privilégios masculinos

Sobre a concepção feminista de Simone de Beauvoir analisamos anteriormente as desigualdades de gênero que permeia nossa sociedade. Desse modo, foi possível compreender que essa distinção entre os sexos para Beauvoir está na condição de Outro, na qual foram impostas para as mulheres socialmente. Depois desse aparato serão abordados os privilégios de gênero que se apresenta com maior predominância no “gênero masculino”.

Os homens ao contrário das mulheres sempre ocuparam um lugar de prestígio no centro da sociedade. Eles não buscam a todo instante por reconhecimento e emancipação. “A luz do androcentrismo o ser humano do sexo masculino seria o centro do universo, a medida de todas as coisas e o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo” (MORENO, 1999, p.23). Ao contrário das mulheres que nenhum momento da história ocupa o centro social; pelo contrário ficaram como a terra orbitando em torno do sol¹⁸. Pois os homens nunca viram as mulheres como sendo um ser social, visto que essas não participaram de forma ativa na construção da sociedade. Por isso o sexo feminino nunca usufruiu de igualdade de condições semelhante aos homens.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia

¹⁷ As épocas que encaram a mulher como o *Outro* são as que se recusam mais asperamente a integrá-la na sociedade a título de ser humano. Hoje ela só se torna *outro* semelhante perdendo sua aura mística. Foi a esse equívoco que sempre se apegaram os antifeministas. De bom grado concordam em exaltar a mulher como o *Outro* de maneira a constituir sua alteridade como absoluta, irreduzível e a recusar-lhe acesso *mistsein* humano.

¹⁸ Sentido metafórico caracterizando a terra como o gênero feminino e o sol como o gênero masculino. Pois o sol sempre foi representado como rei do sistema solar. Assim, comparamos as semelhanças do sol com os homens por conta da posição que ocupam no centro do universo.

que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu (BEAUVOIR, 2016, p. 95).

Segundo Beauvoir quando duas categorias humanas estão na mesma realidade social, cada uma delas quer instituir sobre a outra sua dominância; mas quando ambas estão em um estado semelhante tentar cria-se uma relação de reciprocidade. “Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão” (BEAUVOIR, 2016, p.95). Logo se analisamos os contextos históricos os homens sempre tiveram a vontade de dominar a mulher, pois eles temiam em perderem seu “trono social” para elas.

Tomando com viés as análises históricas feitas por Beauvoir compreende-se que foram na sociedade patriarcais que se constituíram os privilégios masculinos. Pois os homens sempre participaram ativamente das esferas públicas da política, economia e cultura. Isso gerou a superioridade do sexo masculino enfatiza Beauvoir “a sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens” (BEAUVOIR, 2016, p. 105). Essa sociedade masculina desfavoreceu muito a emancipação e a situação das mulheres, já que os homens ocupam posições de poder e influência que historicamente foram negadas a elas.

A existência feminina foi renegada por muito tempo, sendo sempre a última a deter os direitos que éramos necessários para se tornarem sujeitos sociais. Mas foi por meio de grandes ilustres pensadoras que as mulheres foram se introduzido no universo masculino. “Ela demonstra, com brilho, que uma mulher pode elevar-se tão alto como um homem quando por um espantoso acaso as possibilidades de um homem lhe são dadas” (Beauvoir, 2016, p. 151). Logo para o sexo feminino alcançar sua liberdade de condições nesse mundo é necessário se constituir com ser existente e reconstruir seu destino diferente do que o patriarcado definiu.

Não podemos negar que há uma desigualdade de gênero entre homens e mulheres, na qual são ignoradas e reproduzidas de forma inconsciente. Foi abordado até o momento na perspectiva de Beauvoir que as mulheres foram excluídas pela ideologia masculina. Porém pode haver um questionamento que ao longo da história houve também homens que foram oprimidos? Essa problemática seria uma questão de classe algo que se distânciada das questões de gênero. Pois “um homem pobre ainda tem os privilégios de ser homem, mesmo que não tenha o

privilégio da riqueza” (CHIMAMANDA, 2015, p. 45). Apesar de existir uma classe de homens subordinada, nas questões de gênero eles ocupam uma posição de favorecimento por conta do seu sexo. Pois há situações particulares que acontecer com uma mulher no mundo por conta do seu gênero.

Desse modo, na concepção de Beauvoir e do feminismo as desigualdades e privilégios de gênero permeiam desde surgimento das primeiras sociedades e procede de forma vigente na contemporaneidade. Essas construções sociais de divisão dos sexos impôs uma posição de desfavorecimento na existência feminina. Assim para desconstruir esses padrões sociais de ideologias masculinas, é necessário colocar os dois sexos em parte de igualdade e privilégios sociais que os torne sujeitos semelhantes.

Seção 2: A FALTA DE REPRESENTAÇÃO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO FEMININO NO NOVO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO DE PE PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Essa segunda seção tem por objetivo fazer uma breve análise o novo currículo do ensino médio de Pernambuco no ensino de filosofia referente à questão da invisibilidade do pensamento filosófico feminista.

2.1 OS POSSÍVEIS DESAFIOS DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO PARA INCLUSÃO DE PERSPECTIVAS FEMINISTAS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA

A invisibilidade feminina está presente na realidade de diversas mulheres em diferentes contextos sociais. No campo filosófico não é diferente. As filósofas nem sempre tiveram o mesmo reconhecimento que os filósofos, uma vez que seu conhecimento sempre foi inferiorizado, recebendo menos interesse e importância que as produções dos filósofos. Uma das evidências é que a maioria das correntes filosóficas é representada mais pelas teorias de homens, construindo assim uma filosofia masculina, deixando a filosofia feminina esquecida nas áreas de conhecimentos e principalmente na educação básica.

As mudanças implementadas pelo Novo Ensino Médio causaram muita discussão acerca das vantagens e desvantagens que o currículo promoveu para as áreas de conhecimentos da educação básica. Porquanto cada Estado teve a

oportunidade de elaborar seu próprio documento curricular com fundamento na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Isso foi algo muito significativo, já que cada Estado pode construir seu currículo potencializando as características culturais, sociais, econômicas das questões históricas que permeiam os cidadãos daquela localidade.

A elaboração posterior do Currículo do Ensino Médio ocorreu em função de mudanças determinadas pela Lei 13.415/2017, que promoveu a Reforma do Ensino Médio. A lei impôs a necessidade de uma reorganização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destinada a essa etapa de ensino, que vinha sendo construída na perspectiva de organização por componentes curriculares, como a do Ensino Fundamental, e passou a ser pensada a partir de uma nova perspectiva composta de duas partes indissociáveis: (1) Formação Geral Básica (FGB) estruturada por área de conhecimento e (2) Itinerários Formativos (IFs) que dialogam com as expectativas e interesses dos estudantes, contribuindo para seus projetos de vida (PERNAMBUCO, 2021, p. 15).

Esses documentos normativos colaboram com o desenvolvimento de habilidades e competências para constituir a formação integral dos estudantes no processo educativo. Em virtude desse sistema o ensino e a aprendizagem devem se basear em práticas pedagógicas inovadoras de conhecimentos e saberes que contribua para a construção social dos educandos.

Diante da realidade educacional os documentos norteadores do ensino torna-se um instrumento fundamental para as três modalidades que compõem a educação básica; composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Nessas três etapas destacamos a filosofia como uma das disciplinas das redes públicas abordada apenas no ensino médio. Vale ressaltar que com o novo currículo de Pernambuco houve diversas modificações nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, principalmente na filosofia. Sendo Pernambuco um dos Estados que mantêm a filosofia como disciplina obrigatória no primeiro ano do ensino médio.

São muitos os prejuízos educacionais da educação básica com essas implementações de ensino, especialmente, para as áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. As quais tiveram seus componentes curriculares diminuídos e desconsiderados, gerando nos educandos o desinteresse escolar dessas disciplinas. Diante desse contexto é necessário refletir como abordar todo percurso histórico da filosofia em um único ano escolar? A resposta para essa questão não é fácil e

requer bastante reflexão acerca desse modelo de ensino que desafia professores e alunos a se adaptarem a práticas educativas deferentes das suas realidades formativas.

Essas não são as únicas consequências desfavoráveis para o destino da filosofia no novo ensino médio. Como descrito anteriormente à pesquisa procede em analisar a invisibilidade de perspectivas feministas no currículo de Pernambuco. Posto isto, é evidente nos objetos de conhecimento indicados no Organizador Curricular Por Bimestre para Filosofia que não há nenhuma menção de filósofas. Sendo complicada a continuidade sistemática do cenário filosófico priorizado apenas em Sócrates, Platão, Aristóteles, Locke, Rousseau e Hegel, citados explicitamente; constituindo no percurso da filosofia o foco no gênero masculino. Em síntese, há ênfase de filósofos clássicos e suas respectivas correntes filosóficas nos documentos de ensino, mas as teorias feministas continuam excluídas das diretrizes curriculares.

Vale ressaltar que a falta de concepções dos conhecimentos feministas e da representatividade das filósofas nos conteúdos curriculares da disciplina de filosofia da educação básica é algo presente nas práticas didáticas de ensino. Entretanto, por meio dos itinerários formativos é possível a inclusão de olhares e vozes feministas nas instituições de ensino, uma vez que, na trajetória do documento há indicadores que contemplam temáticas que envolvem questões relacionadas à invisibilidade feminina e dimensões que abordam as desigualdades de gênero e a predominância de comportamentos patriarcais vigente na sociedade.

Esses itinerários formativos são compostos por trilhas obrigatórias e optativas que proporcionam uma grande contribuição para as omissões presente nos conteúdos curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, especificamente, a disciplina de filosofia. Já que a inclusão das trilhas permite aos professores trabalharem concepções feministas em suas aulas, e assim promoverem a igualdade de gênero em seus conteúdos programáticos. Outra vantagem que as trilhas proporcionaram para os professores ao desenvolverem pensamentos feministas em suas didáticas são as cargas horárias, ou seja, nas escolas que optarem por oferecer alguma das trilhas que abordam temáticas feministas, os professores poderão se aprofundar mais no assunto desenvolvido.

Nesse sentido, haveria pontos positivos na disciplina de filosofia, visto que é possível a inserção do pensamento filosófico feminista no ensino médio aos professores que aplicarem as trilhas priorizando um contexto feminino da filosofia. Apesar dos professores de História e Sociologia poderem trabalhar em trilhas destinadas aos professores de filosofia, o inverso também pode ocorrer. Dessa forma a ausência das mulheres na filosofia seria desconstruída dando lugar aos conteúdos focados em perspectivas feministas nas práticas educacionais.

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES PRESENTES PARA A VISIBILIDADE FEMININA NO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO

Ao analisar o currículo de Pernambuco é possível perceber as contribuições de temáticas de valorização e inclusão das vozes femininas invisibilizadas, por meio dos itinerários formativos voltados para a promoção da igualdade de gênero na escola. Essas ações são essenciais para desconstruir estereótipos de gênero e para dar visibilidade às mulheres na história, na cultura, na sociedade e em outras áreas do conhecimento.

As implementações de unidades curriculares com visibilidade das mulheres nos documentos normativos é algo muito significativo para a construção igualitária de gênero no ambiente escolar. A incorporação de conteúdos que tratem sobre as questões de gênero, feminismos e os direitos das mulheres em uma aula pode proporcionar o protagonismo das alunas nas práticas pedagógicas. Para o desenvolvimento dessa representatividade feminina nas escolas é necessário à inclusão de textos, debates e atividades que discutam a história dos movimentos feministas, as conquistas das mulheres ao longo do tempo e as desigualdades de gênero que ainda persistem.

Além disso, para que a inserção da equidade de gênero se expanda nas instituições de ensino é necessário promover a formação continuada aos educadores sobre questões de gênero, feminismo e direitos das mulheres. Isso auxiliará os professores a reconhecer e combater preconceitos de gênero em sala de aula e construir um ensino que valorize as vozes femininas. Outro suporte que os professores devem adotar na elaboração de suas didáticas são a realização de análise crítica dos materiais didáticos para identificar lacunas na representatividade

feminina. Isso inclui verificar se as mulheres são representadas de maneira justa e se suas contribuições são adequadamente destacadas nos livros-texto e outros recursos educacionais.

Vale destacar que as trilhas obrigatórias e optativas não são os únicos indicadores educativos no currículo para se trabalhar perspectivas feministas na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Visto que nas primeiras páginas do documento normativo há uma explanação de temas transversais que podem contribuir para a relação de componentes curriculares que possibilitam a interdisciplinaridade nas instituições de ensino. Ademais a integração transversal inclui uma pauta muito importante para o contexto escolar que é a relação de gênero¹⁹, na qual reflete estratégias em defesa da desconstrução de desigualdade entre homens e mulheres.

Os temas transversais são colaborações muito interessantes para aproximar a realidade social dos alunos com o contexto escolar. Essa transversalidade faz junção com o projeto de vida que é uma das bases proposta pelo currículo. Assim por meio dos itinerários formativos e dos temas transversais é possível afirmar que o currículo de Pernambuco contempla nas suas unidades curriculares concepções feministas que podem oferecer oportunidades para utilizar ferramentas didáticas voltadas para as mulheres. Dessa maneira, compreende-se que “a perspectiva da ‘igualdade de gênero’, no currículo, é pauta para um sistema escolar inclusivo que crie ações específicas de combate às discriminações e que não contribua para a reprodução das desigualdades que persistem em nossa sociedade” (PERNAMBUCO, 2021, p.35).

Assim pode-se dizer que o currículo de Pernambuco apesar de nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas elaborar mudanças que aparentemente conduziria para perdas imensas nos seus componentes curriculares, pode também ter a solução para transformação desse cenário excludente. Já que é possível a utilização de itinerários formativos e temas transversais que podem suprir essas

¹⁹ A **Relação de Gênero** (Parecer CNE/ CEB nº 07/2010, Resolução CNE/CEB nº 02/2012, Lei nº 11.340/2006 Lei Maria da Penha, Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, 2006, Instrução Normativa da SEE nº 007/ 2017 e Portaria MEC nº 33/2018) é entendida como uma categoria de análise que ajuda a pensar a maneira como as ações e posturas dos homens e das mulheres são determinados pela cultura em que estão inseridos (SCOTT, 1990). (PERNAMBUCO, 2021, p. 35)

falhas curriculares; proporcionando a contemplação de assuntos sociais que não foram focados e priorizados nos conteúdos obrigatórios de algumas disciplinas como, por exemplos, as temáticas feministas na filosofia. Essas contribuições são fundamentais para garantir que as vozes femininas, especialmente aquelas historicamente invisibilizadas, sejam ouvidas e valorizadas no ambiente escolar. Ao fazer isso, o currículo de Pernambuco avança na construção de uma educação mais justa, equitativa e representativa.

Seção 3: A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA FEMINISTA A PARTIR DA FILÓSOFA SIMONE DE BEAUVOIR COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DO SEXISMO NO ENSINO DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO

Por fim, nessa terceira seção serão apresentadas contribuições para uma educação filosófica feminista a partir da filósofa Simone de Beauvoir para práticas libertadoras de superação do “sexismo filosófico”.

3.1 CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA FEMINISTA PELO VIÉS DE SIMONE DE BEAUVOIR

Antes de propor uma possível educação filosófica feminista, primeiramente será necessário entender o que seria esse método educacional na perspectiva beauvoiriana. Vale ressaltar que Simone de Beauvoir não contém nenhuma obra focada em uma educação feminista, mas por meio das suas contribuições de empoderamento feminino é possível construir modelos de ensino visando práticas feministas na educação básica.

Beauvoir ao enfatizar em sua obra o Segundo Sexo sobre as opressões enfrentadas pelas mulheres e as construções sociais de gênero, já contribuiu para os possíveis caminhos de uma educação filosófica feminista. Ao analisar o Segundo Sexo observa-se que o seu legado educacional se encontra naquelas imensas páginas. Nas perspectivas beauvoiriana as temáticas como desigualdade de gênero, emancipação feminina, sociedade patriarcal, Outro sexo, feminismo existencialista, igualdade de gênero etc. são princípios de uma educação feminista. Desse modo compreende-se que Beauvoir não deixou apenas um legado para o feminismo, mas também para a educação.

Beauvoir defendia a construção de uma educação emancipatória feminina e criticava o sistema educacional tradicional, que reproduzia estereótipos de gênero e limitava as oportunidades das mulheres. Ela defendia uma educação que estimulasse o pensamento crítico, a autonomia e a igualdade entre os sexos (LUCIDARIUM. 2024, Online).

Se no século XX em que as mulheres ainda estavam conquistando representatividade social Beauvoir explorava questões relacionadas com a submissão feminina e os estereótipos de gênero, porque no século XXI ainda se reproduz desigualdades de gênero, principalmente nas instituições de ensino?. A resposta para essa questão estaria nos modelos educacionais que ainda seguir sistemas de ensino tradicionais contribuindo assim para a disseminação do sexismo nas escolas. Porque, “a escola transmite os sistemas de pensamento e as atitudes sexistas, aquelas que marginalizam as mulheres e a levam a ser considerada um elemento social de segunda categoria” (MORENO, 1999, p.17).

A escola tem uma dupla função: a formação intelectual e a formação social dos indivíduos, contribuindo para a transmissão de uma educação transformadora para os jovens, porém ao reproduzir sistemas de ensino dogmáticos e com influências tradicionalistas a escola continua colaborando com práticas educacionais inadequadas. Assim, utilizado modelos de ensino que desconstrua padrões escolares tradicionais, será possível amenizar ideias sexistas nos ambientes de ensino.

Em lugar de ensinar o que outros pensaram, pode ensinar a pensar; em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo (MORENO, 1999, p.17).

A escola tem esse papel de transforma à mentalidade dos indivíduos e muda comportamentos adquiridos socialmente. Já que a educação tem a possibilidade de conduzir o educando a vários caminhos, essa é uma ferramenta de mudança para desconsidera modelos de ensino excludente para as mulheres e os homens. Portanto, “não precisa mudar de planeta para ver a realidade de outra forma – basta introduzir o ponto de vista da mulher, e uma das muitas formas de fazê-lo é por meio da educação” (MORENO,1999, p.28). Dessa forma as perspectivas feministas de Beauvoir foram muito significativas para a construção de uma educação mais inclusiva e igualitária para as mulheres.

A educação filosófica feminista tem como objetivo uma reconstrução das concepções do feminino e do masculino que são impostas socialmente. Assim dessa forma seguindo as ideias beauvoiriana compreende-se que o sexismo é comportamentos sociais construídos, porém não são imutáveis ou inalteráveis. Visto que segundo a filósofa as mulheres têm total liberdade de crítica sistemas educacionais que perpetua as desigualdades de gênero e da mesma maneira os modelos de ensino não são algo estáveis, mas sujeitos a alterações.

Além disso, as contribuições de Beauvoir tiveram avanços que mudaram as concepções sociais das mulheres de sua época, não ficando apenas críticas sociais descritas em uma obra, mas uma 'prática filosófica de vida' adotada pelos movimentos feministas até hoje. Quando Beauvoir utiliza sua máxima "ninguém nascer mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 2016, p.11) - ela está construindo uma prática de ensino libertador que conduz as mulheres a lutarem pelas mesmas oportunidades educacionais e de reconhecimento que os homens sem restrição de gênero.

As perspectivas educacionais feministas de Beauvoir sobre as questões de gênero é uma possível solução para a desconstrução do sexismo escolar. Observa-se nas análises filosóficas beauvoiriana sobre as experiências vividas socialmente pelas mulheres, que a filósofa faz uso de um modelo teórico prático da realidade sócia histórica enfrentada por esse grupo. Pois é por meio dessa educação filosófica feminista que se pode pensar na construção de um ensino que possibilite a inclusão de uma identidade feminina nas didáticas docentes e no ambiente escolar/social dos alunos.

O pensamento filosófico feminista de Simone de Beauvoir são práticas educacionais libertadoras que promover uma desconstrução do sexismo nos ambientes de ensino. "Suas ideias nos lembram da importância de questionar as normas estabelecidas, desconstruir estereótipos prejudiciais e lutar por uma educação inclusiva, igualitária e emancipatória" (LUCIDARIUM, 2024, Online). Para uma inclusão mais eficaz de práticas filosóficas feministas é necessário à criação de uma lei que estabeleça a obrigatoriedade de temáticas que abordem as questões de gênero nas redes de educação básica.

A escola tem um dever muito importante para o desenvolvimento da educação filosófica feminista, porém é necessário considera o indivíduo em sua totalidade não apenas por partes, assim juntamente com a escola, a família e a sociedade são sistemas essenciais para as implementações dessas práticas sociais e educacionais feministas. Assim, seguindo os vícios beauvoiriana considera-se que as visões feministas dessa filósofa tem grande eficácia na colaboração da superação do sexismo nas escolas.

Portanto a educação filosófica feminista na concepção de Beauvoir propõe construir um ambiente escolar com mais igualdade de gênero, na qual homens e mulheres desempenhem direitos e oportunidades semelhantes. Em suma, as questões feministas precisam ser ampliadas nos conteúdos e nas práticas docentes para que a inclusão de uma educação feminista aconteça nos sistemas de ensino.

3.2 A AUSÊNCIA DE TEORIAS FEMINISTAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Além da invisibilidade na filosofia o pensamento feminista também é excluído nos livros de didáticos²⁰. Pois ao analisamos um livro didático de filosofia é nítido perceber que não há uma predominância de teorias femininas, e quando se tem alguma filósofa é muito comum abordar sua teoria filosófica de forma superficial. Essa escassez de conteúdos feministas nos livros didáticos pode ocasionar grandes consequências na educação básica. Apesar de os livros didáticos não serem o único apoio no ensino-aprendizagem das práticas docentes do Ensino Médio, podemos considerar que esse ocupa um lugar de destaque na construção da identidade filosófica dos estudantes.

Ademais os livros didáticos têm como função de auxiliar os professores no processo da aprendizagem dos estudantes. Nessa concepção os livros didáticos e os professores são verdadeiros parceiros no processo de ensino. Pelo fato de os livros didáticos fazerem parte do desenvolvimento do ensino-aprendizagem, é preciso uma boa análise dos professores ao selecionar os livros didáticos que farão parte da sua jornada educativa.

²⁰ “Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina” (LAJOLO. 1996, p. 4).

No processo de seleção do livro didático e ao longo de sua presença na sala de aula, é preciso planejar seu uso em relação aos conteúdos e comportamentos com que ele trabalha. É só a partir disso que se pode descobrir a melhor forma de estabelecer o necessário diálogo entre o que diz o livro e o que pensam os alunos. “Pois é só na interação entre o saber que se traz do mundo e o saber trazido pelos livros que o conhecimento avança” (LAJOLO, 1996, p. 6).

A escolha de um bom livro didático para ser usado nas salas de aulas é um dos grandes desafios da realidade dos professores, porque será decisivo na construção do pensamento crítico dos estudantes. Portanto, os docentes em suas práticas de ensino deve considerar esse princípio de relação de conteúdos didáticos com a realidade dos estudantes; haja em vista que “nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações” (LAJOLO, 1996, p. 8).

Na perspectiva de Lajolo os livros didáticos estão sujeitos a modificações de conteúdos sempre que necessários, para uma melhor adequação nas práticas didáticas. Essas mudanças são atribuídas pelos professores de tal forma que os livros didáticos ao fazerem uso de temáticas com abordagens equivocadas ou incompletas os professores como os “mediadores do conhecimento” devem esclarecer e elaborar aos seus alunos a compressão ali descrita.

Professores e alunos, nesta situação, vivem coletivamente uma experiência que ensina que nem todos os livros estão sempre certos sobre tudo, que em várias situações é preciso ir além do que diz o livro, e que na situação de sala de aula o professor é o mais qualificado para referendar ou não o que está nos livros (LAJOLO, 1996, p.7- 8).

É preocupante que a educação básica não construa práticas que inclua a importância de se valorizar a figura feminina, juntamente com o conhecimento e lutas de grandes heroínas da história que foram apagadas. Por isso, existe uma grande resistência ainda de se construir práticas educacionais visando teorias feministas e questões de gênero no cotidiano escolar, já que pouco se discute sobre esses conteúdos nas instituições de ensino. Sendo os livros didáticos os primeiros a abrirem caminhos para as desigualdades de gênero como afirma Auad (2006):

Boa expressão desse processo são os livros didáticos. Estes representam verdadeiros modelos para meninas e meninos (**mulheres e homens**) e garantem, interior do sistema educativo,

lugar de destaque para as desigualdades. Nesses livros, numérica e qualitativamente, mulheres, meninas e pessoas não brancas ainda estão sub-representados. Tais materiais didáticos acabam sendo mais um modo de reforçar imagens e práticas hierarquicamente diferenciadas entre o masculino e feminino (AUAD, 2006, p. 41, grifo do autor).

Levando em consideração o olhar de Lajolo (1996) e de Auad (2006) na adaptação de conteúdos didáticos, enfatizam-se os livros didáticos de filosofia que ao serem trabalhados na educação básica pelos docentes, necessitam de ajustamento dos seus conteúdos programáticos. Porque se em todo o percurso da história da filosofia as mulheres ficaram nas margens dos conhecimentos, a mesma situação ocorreu com seus pensamentos filosóficos nos livros didáticos. Esse cenário das poucas perspectivas filosóficas feministas nos livros didáticos precisa ser refletido pelos docentes na construção de suas aulas e na escolha do melhor livro didático, o qual contemple com mais profundidade essa abordagem.

Com efeito, se a educação filosófica feminista continua sendo algo ausente nas práticas docentes e nos livros didáticos procederemos propagando o sexismo filosófico nas escolas. Logo para amenizar essa realidade é preciso a seleção de um livro didático que contenha temáticas filosóficas voltadas para o feminismo. Vale ressaltar o livro “Reflexões: filosofia e cotidiano” de José Antônio Vasconcelos que dedica um capítulo exclusivo para as filosofias feministas e seus desdobramentos sendo uma boa escolha de livro didático de filosofia para trabalhar no ambiente de ensino e aos poucos inserir as mulheres nos conteúdos normativos.

Adicionalmente, há um ponto essencial que não se pode desconsiderar em relação ao livro didático de Vasconcelos citado anteriormente, que apesar de conter um ponto positivo de inclusão de pensamentos femininos, existe uma questão negativa de não ser escrito por uma mulher e sim por um homem. Essa situação é uma problemática que se deve considerar nas escolhas dos livros didáticos de filosofia. Porque por mais que esses livros contemplem temáticas feministas, é importante a ampliação também da participação de mulheres na elaboração desses para que suas contribuições filosóficas sejam reconhecidas e valorizadas nos sistemas de ensino.

Conclusão

Considerados os elementos mencionados na pesquisa acerca da concepção feminista desenvolvida por Simone de Beauvoir, as desigualdades e privilégios de gênero persistem, mesmo após décadas de avanços sociais e legais. Para Simone de Beauvoir, ao caracterizar a mulher como "Outro" torna-se evidente que a construção social e histórica tem relegado o gênero feminino a uma posição de subordinação em relação ao masculino.

Para Beauvoir, o conceito de "direito abstrato" versus "direitos concretos" é central para a compreensão de que as conquistas teóricas de igualdade se distanciam da sua concretização efetiva. Não obstante as conquistas de igualdade de condições nos direitos femininos ainda é algo que está distante de alcançar em nossa sociedade. Já que as desigualdades de gênero são mantidas não somente pela continuidade da presença de estereótipos e de práticas patriarcais mas também pela ausência de representação e de participação das mulheres na construção das normas sociais.

Outra crítica de Beauvoir, abordada pelas teorias feministas contemporâneas, como a de Adichie (2015; 2017), é que as diferenças biológicas entre os sexos não justificam a desigualdade estrutural e as opressões que as mulheres têm sofrido. Além disso, a noção de Beauvoir de privilégios masculinos ilustra como o patriarcado construiu e reconstrói continuamente um sistema, permitindo que o homem adquira uma posição privilegiada. Este sistema não só promove o sexo masculino sob o aspecto do prestígio e potência, como também gera um obstáculo à emancipação plena das mulheres que ainda enfrentam barreiras sociais para alcançar a igualdade.

Da mesma maneira o novo currículo do ensino médio em Pernambuco percebe-se uma lacuna significativa na representação de filósofas. Pois quando o currículo enfatiza principalmente pensadores masculinos da filosofia clássica, acaba por ignorar as ideias das mulheres e as visões feministas, que são muito importantes para realmente ter uma visão completa dessa parte negligenciada da filosofia. As novas regras e ajustes das normativas nacionais permitiram às instituições de ensino de Pernambuco a possibilidade de contribuir para a diversidade cultural e social das práticas escolares. Mas o novo currículo de Pernambuco ainda tem alguns grandes obstáculos quando se trata de incluir as

ideias sobre representatividade feminina e de igualdade de gênero nas didáticas de filosofia.

Trata-se de mudar todo o cenário filosófico para mostrar e falar sobre todos os tipos de experiências humanas. Então, basicamente, são necessários conteúdos obrigatórios nos documentos e a oportunidade de abordar sobre as contribuições das mulheres no campo filosófico. Outra mudança significativa para inclusão dessas temáticas feministas é a importância da formação docente, na qual deve ser focada nas concepções femininas e de gênero para garantir que ambos os sexos sejam tratados da mesma forma no ensino médio.

Por fim, com base na contribuição de Simone de Beauvoir para a educação filosófica feminista, enfatizamos a relevância de suas ideias sobre como superar o sexismo na educação filosófica tradicional. Embora o trabalho de Beauvoir não trate especificamente da educação, a sua perspectiva feminista fornece um quadro muito significativo para se trabalhar na educação básica as questões de desigualdade de gênero. O fato de Beauvoir acentuar a construção social da identidade de gênero e da opressão patriarcal promove um enquadramento crítico que questiona e muda os sistemas de conhecimento que perpetuam a discriminação de gênero. A sua filosofia baseada na liberdade e na igualdade fornece um caminho para a educação filosófica feminista, que pode ser capaz de formar cidadãos críticos e autônomos, independentemente do sexo.

Esse olhar implica a importância de integrar teorias feministas nos currículos escolares, assim como a importância na seleção cautelosa de livros didáticos que abarque a diversidade de pensamentos e as experiências das mulheres. Assim, os professores e instituições devem se esforçar no sentido de serem capazes de mudar os conteúdos e as práticas pedagógicas levando em consideração a igualdade de gênero.

Desta forma, para superação do sexismo filosófico nas escolas não basta modificar conteúdos escolares, mas precisamos de uma mudança na prática pedagógica e nas dinâmicas de ensino, no que diz respeito à totalidade do indivíduo. Beauvoir aborda que a educação pode e deve ser uma ferramenta de libertação das mulheres - principalmente na educação escolar -, libertar desconstruindo os

estereótipos ou preconceitos irrelevantes para a educação básica. Portanto, a inclusão de uma educação filosófica feminista é um passo essencial para realizar o sonho de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as mulheres terão as mesmas condições de oportunidades que os homens tanto no desenvolvimento intelectual como no social.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Tradução de Sérgio Milliet. -2.ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos (v.1)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida (v.2)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CANDIANI, Heci Regina. **Simone de Beauvoir**. <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/simone-de-beauvoir-2/> 2020.

GASPAR, A. M. **A representação das mulheres no discurso dos filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet**. Rio de Janeiro: Uapê: SEAF, 2009.

JOHANSON, Izilda. A Dimensão Ética de Simone de Beauvoir. **Revista Cult**. Disponível em: [www.revista.cult.com.br], 2019.

JOHANSON, Izilda. “De objeto a sujeito: uma contribuição feminista à história e à filosofia”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e59273, 2020.

LUCIDARIUM. **Educação e feminismo: as contribuições de Simone de Beauvoir** 2024. Disponível em: <https://lucidarium.com.br/educacao-e-feminismo-as-contribuicoes-de-simone-de-beauvoir/>. Acesso em: 03 ago.2024.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Revista Em Aberto**. Brasília, ano 16, n. 69, p. 2-9, jan./mar. 1996.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola.** Campinas: Moderna, 1999.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino médio.** Recife. SEE/PE, 2021. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/523/CURRICULO_DE_PERNAMBUCO_DO_ENSINO_MEDIO_2021_ultima_versao_17-12-2021.docx.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Simone de Beauvoir e Judith Butler: aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política.** 2015. Dissertação (Mestrado). Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49071>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. **O pensamento filosófico–feminista: de Simone Beauvoir.** **Revista Cult.** Disponível em: [www.revistacult.com.br], 2019.